

O Leão e a Serpente: o bem e o mal no Yvain de Chrétien de Troyes

Dentre outros sentidos possíveis, a narrativa de Yvain, de Chrétien de Troyes, é um dos testemunhos mais eloquentes, em seu tempo, da tentativa clerical de enquadrar os impulsos guerreiros da cavalaria no interior de um sistema ético rigorosamente definido. A trajetória de seu herói, Yvain, é exemplar acerca da passagem de uma noção de aventura desprovida de sentido a não ser ela mesmo para outra, em que os feitos de guerra do cavaleiro justificam-se a partir das causas pelas quais ele decide combater.

Recordemos alguns dos pontos essenciais desta narrativa. Através deles pode-se perceber claramente a transformação do cavaleiro em direção a uma defesa de valores da ordem e da justiça, invariavelmente colocados sob o signo de Deus e do bem.

Alguns anos atrás, Calogrenant, um cavaleiro da corte de Arthur, havia penetrado na floresta em busca de aventuras, e depois de passar algum tempo viajando, deparou-se com um castelo. Depois de uma noite em que foi acolhido de acordo com as regras da cortesia, continuou seu caminho até encontrar um homem de aspecto rude e selvagem, que pastoreava alguns touros e o guiou na direção de uma aventura espetacular, como ele havia desejado ao entrar na floresta: depois de cavalgar algumas horas, Calogrenant chegou a um lugar em que havia uma fonte, ladeada por uma árvore da qual pendia uma bacia de ouro, e por uma escada cravejada de pedras preciosas. De acordo com as instruções do guardador de touros, ele encheu a bacia com a água da fonte e despejou-a sobre a escada, desencadeando com sua ação uma assustadora tempestade. Quando a tempestade serenou, o céu clareou, o lugar encheu-se de pássaros e transformou-se naquele ambiente natural evocativo dos jardins paradisíacos. Mas, logo em seguida, um cavaleiro irrompeu com grande alarido, desafiando-o por ele ter ousado desencadear a tempestade na fonte. Calogrenant aceitou o desafio mas foi derrotado por este “defensor da fonte”.

Estimulado por esta narrativa, que expunha a vergonha de um dos cavaleiros da corte de Arthur, Yvain decide partir em busca da aventura narrada por seu companheiro de armas. Depois de cavalgar algum tempo seguindo as indicações dadas por Calogrenant, ele finalmente chegou ao lugar onde havia a fonte, desencadeou a tempestade, experimentou o mesmo prazer de Calogrenant quando o céu abriu e enfrentou Esclados-le-Roux, o defensor da fonte, que dessa vez foi vencido num combate que terminaria por resultar em sua morte. Mas durante a perseguição ao cavaleiro, que fugia ferido para seu castelo, Yvain ficou preso em um compartimento cuja porta fechara automaticamente após a passagem daquele. Ao ser encontrado por Lunete, a criada da dama do castelo, que se lembrava de uma vez que foi por ele muito bem recebida na corte de Arthur, recebeu dela um anel mágico que lhe permitia tornar-se invisível e dessa forma escapar aos homens do senhor do castelo.

É a esta altura da narrativa que um acontecimento fortuito marcará o início da transformação de Yvain: ao ver a senhora do castelo, Laudine, ele é tomado de paixão e a partir deste momento, além da honra que o guiava, suas ações serão dirigidas pelo sentimento amoroso. Sabemos que por um artifício de Lunette, a ama de Laudine ele a conseguirá obtê-la em casamento, no entanto, estimulado por Galvain ele pede um prazo de um ano para percorrer os torneios da estação. Ao esquecer sua promessa de retornar no prazo de um ano, Yvain recebe a notícia de que Laudine não o quer mais, e, ao saber disso, abandona a corte de Arthur, enlouquece e parte para a floresta. A separação entre Yvain e a corte de Arthur, manifesta desde o instante em que viu Laudine, aprofundada pela oposição de Galvain à sua permanência no castelo de sua esposa, torna-se agora um abismo. Em suas bordas pode-se divisar, divididos por um espaço amplo, de um lado o reino da aventura pela aventura e do outro, os códigos impostos pela noção de cortesia. As aventuras de Yvain na floresta de Broceliande serão marcadas por uma associação estreita entre sua reintegração ao mundo das cortes e as causas “justas” que em seu caminho ele passa a defender.

Depois de alguns dias vagando sem rumo, Yvain encontra um eremita que vivia nos bosques e inicia lentamente seu caminho de volta à cultura. Apesar do susto inicial, os dois iniciarão uma troca silenciosa: Yvain caça, depõe o animal diante de sua casa e depois recolhe-o de volta já assado e acompanhado de um pão. Ainda que precariamente, como será sublinhado diversas vezes por Chrétien, Yvain restabelece, portanto, algumas práticas do mundo dos homens.

Alguns dias depois, uma das moças que acompanhava a senhora do castelo de Noroison, de passagem pela floresta, reconhece-o e decide curá-lo de sua loucura com a ajuda de uma pomada mágica. Yvain recobra a razão e continua, portanto, seu caminho de reintegração ao mundo das cortes e da cultura, aqui representado pelas roupas deixadas ao seu lado pela moça que lhe passou o unguento. Em retribuição ao serviço prestado pela dama, Yvain irá defender seu castelo, então ameaçado pelos ataques de um conde que pretendia tomá-lo para si.

Depois de livrar do perigo a dama do castelo de Noroison, Yvain retoma seu caminho na floresta – o eremita ficará agora definitivamente para trás – e, de súbito, depara-se com uma cena inusitada: em meio a um campo aberto, ele vê uma serpente e um leão numa luta feroz. Cuspindo fogo pela boca, como um dragão, a serpente mantinha o leão enlaçado e já estava quase matando-o, quando Yvain intervém decapitando a serpente, mas cortando neste gesto a cauda do leão, que já havia sido engolida por ela. O leão reconhece em Yvain seu salvador e vai até ele em atitude submissa tornando-se daí em diante um precioso auxiliar.

Mais do que apenas um auxiliar, e os inúmeros versos em que Chrétien mostrará a total identidade entre os dois são eloqüentes a este respeito, ele será um emblema da mudança de condição de Yvain, desde então conhecido como o cavaleiro do leão. É preciso lembrar que, a partir deste episódio, e até seu retorno à corte de Arthur, Yvain guardará em segredo sua identidade. Mesmo na corte de Arthur, ele será reconhecido apenas ao fim de um combate singular, cujo desfecho e significado veremos mais tarde.

A identificação de Yvain com o leão é, naturalmente, o elemento essencial para que se compreenda o significado conferido por Chrétien de Troyes à sua aventura. Depois de um momento de hesitação, e apesar do temor que sente pelo leão, Yvain decide matar a serpente, pois, *Qu'a enuious et felon/Ne doit on faire se mal nom.* (vs. 3356-3357)¹ O leão, ao contrário, é *gentil e franche* (v. 3375).² Seria interessante agregar a estes adjetivos diretamente extraídos dos valores cortesês, as antigas associações do imaginário tradicional ligadas à serpente-dragão (lembramos que a serpente aparece cuspidando fogo pela boca) e devidamente atualizadas pelo cristianismo medieval: animal associado às forças da natureza, ao caos informe que antecede ao cosmo, ele opunha-se muito naturalmente às forças criadoras que de suas pulsões desordenadas geravam a cultura. De acordo com uma das características fundamentais do cristianismo, um rigoroso dualismo ético foi introduzido nesta antiga simbologia, passando a serpente a associar-se com o mal.³ Assim, dois elementos parecem conjugar-se neste episódio: a luta entre o bem e o mal e as oposições entre ordem e desordem.

O encontro de Yvain com o leão é também o sinal do fim de um primeiro ciclo de suas aventuras. É depois deste encontro, e já acompanhado de seu agora inseparável leão, que Yvain, após algum tempo errando nos bosques, irá descobrir-se diante da fonte de Laudine, e por muito pouco não enlouquecerá novamente, assediado por suas lembranças dolorosas. Yvain é despertado de seu desespero pelos gritos de Lunete, a ama de Laudine que o havia ajudado no início de sua aventura. Presa e acusada de traição pelo senescal e seus dois irmãos, ela será lançada na fogueira, a não ser que um cavaleiro disponha-se a defendê-la derrotando seus três acusadores. Yvain, naturalmente, propõe-se a fazer sua defesa, com a significativa condição de não ter sua identidade revelada, e segue adiante procurando um lugar onde possa passar a noite.

¹ Que ao traidor e mau/Só se deve fazer o mal.

² Os dois adjetivos são sinônimos de nobre.

³ “Cultura Eclesiástica e Cultura Folclórica na Idade Média: S. Marcelo de Paris e o Dragão”. IN LE GOFF, Jacques. Para Um Novo Conceito de Idade Média. Lisboa: Estampa, 1980, pp. 221-261.

Depois de cavalgar um pouco, ele chega nas bordas de um imponente castelo, cujos moradores abrem rapidamente suas portas, recebendo-o com um misto de alegria e tristeza, pois, o gigante Harpin da Montanha devastou suas terras de cultivo e seus burgos, raptou seus quatro filhos e agora ameaça matá-los, caso sua única filha não seja entregue a ele. Ficamos sabendo, também, que apesar da senhora do castelo ser irmã de Galvain, este não poderá ajudá-la, pelas mesmas razões que Lunete não havia podido contar com ele: a rainha Guinevere havia sido raptada e Galvain estava tentando resgatá-la.

Vestido de peles de animais e armado de um primitivo porrete de madeira, Harpin mantém presos e seminus os filhos do castelão, aparecendo como um consumado representante de um mundo selvagem pleno de destrutividade, portador de uma violência sem causa - mesmo a exigência de ter consigo a filha do senhor não é motivado por seu desejo, pois ele pretende entregá-la a seus servos. Yvain enfrenta e derrota, portanto, uma força cega, ignorante até mesmo do sexo em seus níveis mais básicos, movida apenas pela pulsão da violência.

Ao deixar os domínios de Laudine, Yvain enfrentará uma vez mais as forças selvagens abrigadas na floresta. Agora, no castelo da Pior Aventura, estas forças irão aparecer sob a forma de dois filhos de demônio, que partilham seu pertencimento aos espaços infernais com o uso de armas primitivas selvagens. Todo o episódio em questão guardará um certo ar sobrenatural de “descida aos infernos”. Ao entrar na sala do castelo, uma cena inusitada chama a atenção de Yvain: presas no interior de um pórtico, trezentas mulheres são mantidas prisioneiras, trabalhando noite e dia sob as piores condições, sendo a todo instante ameaçadas de morte. Interrogadas por Yvain acerca de sua prisão, ele ouvirá uma resposta que parece, uma vez mais, revelar de forma indireta uma verdade a respeito do protagonista, que ainda não pode ser plenamente apreendida por ele, mas a qual ele deve enfrentar. De acordo com uma delas, o rei da Ilha das Donzelas decidiu sair pelo mundo, viajando para conhecer as novidades das cortes e dos países. Finalmente Aprisionado pelos dois demônios, o rei precisou negociar

sua liberdade enviando-lhes as trezentas tecelãs, mantidas em estado de permanente servidão no castelo.

O drama das mulheres tecelãs irá explicitar em definitivo a função de justiça exercida por Yvain em suas aventuras, invariavelmente relacionadas à defesa de mulheres em risco, que não dispõem de nenhum cavaleiro disposto ou forte o suficiente para protegê-las. Assim, recordemos a dama de Noroison, ameaçada pelo conde de Alier, Lunete, acusada pelo senescal e seus irmãos, ou ainda a sobrinha de Galvain, assediada pelo gigante Harpin.

Da ligação entre estes fatos, começa a delinear-se um significado geral da narrativa, capaz de conferir um sentido às aventuras de Yvain, e, ao mesmo tempo, de particularizá-las no interior do modelo geral da cortesia: a ausência da função de justiça da corte de Arthur deixa o mundo entregue às forças destrutivas, liberadas pela instabilidade do centro ordenador deste universo, assumindo Yvain a função de restaurador desta ordem ao combatê-las. A dimensão iniciática de transformação da identidade advém do fato de o próprio Yvain parecer precisar liberar em si mesmo e no mundo estas forças, seja ao abandonar Laudine, deixando vulnerável a fonte mágica desencadeadora das forças naturais, seja ao entregar-se aos combates e depois à loucura absoluta.

A oposição progressiva entre Yvain a corte de Arthur, signo de sua transformação no sentido da cortesia, alcançará seu ponto culminante no combate por ele travado, ainda que anonimamente com seu grande amigo Galvain. O fato de estarem Yvain e Galvain ocultos um do outro apenas reforça, longe de a esvaziar, a culminância dos elementos desagregadores do reino, cuja liberação coincidiu com a desordem instaurada em seu centro, fato mencionado desde o início da narrativa pela inexplicada ausência de Arthur na assembléia então celebrada em sua corte. A separação definitiva de Yvain da corte de Arthur, assinalada por seu retorno para Laudine apenas confirma a transformação protagonizada por ele.

***Sínval Carlos Mello Gonçalves**